

## A IGREJA DA ESPANHA FACE À MUDANÇA DA SOCIEDADE (\*)

Artigo traduzido do Foi e Développement número 37 — maio de 1976  
— François Malley (Autor) — Paris — França.

Fundado em 1972, o Centro Lebret se propõe a estudar as repercussões do desenvolvimento sobre a vida e as linguagens da fé; para isso ele realiza estudos e pesquisas sobre as evoluções em curso no relacionamento entre as Igrejas e as Sociedades. Estes trabalhos foram objeto de publicações diversas geralmente sobre a forma de *dossiers* mimeografados.

Considerando a importância da luta pelo desenvolvimento e libertação dos povos no centro mesmo da vida cristã, o Centro Lebret pretende também, com prolongamento de suas pesquisas, apresentar aos militantes do desenvolvimento, informações, análises, reflexões e interrogações no que concerne às interações entre fé e desenvolvimento, tal como a atualidade as faz aparecer.

“Na Espanha, tudo é possível, mas nada é provável”. Esta frase que surge seguidamente nas conversas exprime bem a fluidez e o caráter incompreensível da situação atual, sua ambigüidade e também as surpresas que ela pode reservar para o futuro. É verdade principalmente em relação à situação política, mas os efeitos repercutem sobre os outros setores notadamente sobre o eclesiástico. Porque “tudo é possível e nada é provável”, as análises da situação espanhola são tão diversas. Para alguns, vai-se de encontro a um neo-franquismo, aliás os homens hoje no poder são franquistas, e este neo-franquismo pode ser tão duro quanto o precedente. Para outros, a Espanha se dirige, lentamente, para uma democracia formal e burguesa. É o processo de uma transição que vai levar alguns anos, com uma liberalização progressiva. Para outros ainda, só há solu-

ção dentro do socialismo. Não pode haver mudança sem “ruptura”, nem é verdade que se possa evitar uma revolução, talvez violenta, porque jamais se viu a classe dominante abandonar, por simples persuasão, seus privilégios. Qual é a mais provável destas possibilidades? Porque poucos espanhóis querem lembrar os horrores da guerra civil e porque os homens do “bunker” não são eternos e nem mesmo todo-poderosos hoje, é que, sem dúvida, a passagem da Espanha a uma democracia burguesa e a um capitalismo moderno tem mais chance de se realizar. O capitalismo espanhol, começando na época da guerra civil, viu em Franco o homem providencial que asseguraria a “ordem”, manteria submissa a classe operária e finalmente serviria melhor ao capitalismo. O fascismo espanhol foi afinal a estrutura política necessária para o desenvolvi-

mento capitalista espanhol. Mas o tempo compietou sua obra. Cedo ou tarde, é preciso que haja concordância entre as estruturas políticas e o desenvolvimento econômico. A medida que o tempo passa, o franquismo, como sistema de poder, e Franco, enquanto pessoa, não se justificam mais.

Em outras palavras, as legitimações concretas que foram utilizadas de início não estão mais de acordo com as estruturas econômicas de agora. Franco morreu antes de sua morte física, no momento em que seu poder político não tinha mais justificação, mas conservava a legitimidade assegurada por sua vitória.

Hoje, a classe política e a burocracia franquista se agarram ao poder para manter o imobilismo. Mas, já no interior do governo, que está longe de ser homogêneo, aparecem forças, das quais o ministro Fraga é o líder, tentando representar os interesses do capitalismo atual e fazer desaparecer do aparelho do Estado todos os pesos do imobilismo do passado. Fraga define seu centrismo como uma "ponte" que tem duas saídas: uma dentro do regime e outra na democracia. Seu reformismo consiste em chegar à transformação do poder político, passando do franquismo à democracia "sem ruptura", sem que seja preciso atravessar o rio, passando pela ponte.

No jogo reformista de Fraga não faltam trunfos. Ele sabe que a realidade social espanhola evoluiu bastante e, por isso, em tempo tomou distância de Franco "já morto" e soube igualmente saltar do "trem desenfreado". Conseguirá Fraga operar esta mudança no interior do sistema, isto é, desalojar a classe política anterior e substituí-la por uma outra? Até aqui, o resultado é bem insignificante.

Quase não se fala mais de Franco e parece que ele morreu há anos, mas a legislação do franquismo continua a reger a Espanha. No entanto, há mudanças. Uma palavra as exprime: permissividade. Se legalmente nada mudou, existe por outro lado uma certa permissividade no que concerne a reuniões, manifestações, passeatas "pacíficas" nas ruas, greves, imprensa. Mas esta permissividade, por não ter apoio jurídico, permanece precária; fica sujeita à vontade e aos caprichos do poder, sempre imprevisíveis:

"Un día te permiten, otro día te matam". Não se tem certeza de nada. É certamente na imprensa que esta permissividade é mais aparente. A imprensa espanhola é hoje uma das mais estimulantes, quer pelos grandes debates que levanta sobre o futuro, quer pelo diálogo entre os partidos políticos ou pelos programas propostos para tirar a Espanha do túnel onde ela ainda se encontra. A permissividade "sexual" também surpreende o visitante: os livros sobre sexualidade invadiram as vitrines das livrarias e as bancas de jornal. Os cartazes de cinema nada ficam a dever aos dos outros países ocidentais. Alguns comentam: simples tática para evitar a verdadeira libertação, que é política.

## I — A Igreja e a mudança

Como se comporta a Igreja neste momento de transição? Façamos primeiramente da hierarquia.

### 1. A hierarquia

Ela está longe de formar um bloco homogêneo. O próprio Cardeal Tarancón reconhece isso publicamente. O episcopado espanhol compreende uma direita, um centro e uma esquerda. A direita da Igreja, que é muito mais uma extrema-direita, seria formada por uma dezena de bispos, dos quais o mais conhecido é D. Guerra Campos. No plano político, eles são incondicionalmente franquistas e no plano religioso eles são os defensores de uma teologia pré-conciliar. Alguns teriam chegado a denunciar um ou outro de seus padres à polícia, em virtude de sua oposição ao regime. O centro, que é mais um centro-direita constitui a maioria do episcopado, do qual o cardeal Tarancón é o líder. Existe, enfim, um pequeno grupo de bispos, ditos de esquerda, formado sobretudo de bispos-auxiliares que foram nomeados sem que fosse necessário a aprovação do Governo. Os mais conhecidos são: D. Iniesta, auxiliar de Madri, que vive no subúrbio de Vallecás; D. Setiem, auxiliar de São Sebastião; D. Infantes, bispo das Canárias.

Um padre de Madri resumia assim seu pensamento sobre o episcopado espanhol: "Parece que os bispos ainda não fizeram uma análise política séria da situação

espanhola. Houve algumas mudanças essenciais: de uma identificação quase total com o poder antes do Concílio, passou-se a uma não identificação progressiva, que o Concílio ajudou a fazer. Mas, ainda hoje, eles se pensam em termos de dialética com o poder e não em termos de uma dialética de inserção no meio do povo. A Igreja hierarquizada está desconcertada com o que se passa, profundamente sacudida pelas tomadas de posição do mundo operário e do mundo estudantil”.

Que a Igreja continua a se pensar como um poder ao lado de outros poderes é uma afirmação que está presente nas conversas, jornais e revistas.

“A Igreja, especialmente a hierarquia, aparecendo como um outro poder ou um partido em competição com outros poderes nos coloca muitas dificuldades. É difícil pertencer a dois partidos. O nacional-catolicismo é contrário à concepção de uma Igreja na qual têm lugar opções políticas diferentes. As tomadas de posição da Igreja que favorecem às classes dominantes, nos levam a nos perguntar se seremos realmente Igreja, considerando que a vida nos coloca em choque com os bispos” (1).

Ora, “a hierarquia não admite que se faça a análise de sua autoridade do mesmo modo que se analisa a autoridade civil, pois sua autoridade vem de Deus. Entretanto, se lhe chamamos a atenção para o fato de que os “chefes das nações as governam como donos absolutos e que os poderosos as oprimem pelo seu poder”, na medida em que a hierarquia fez de sua função uma estrutura de poder absoluto, este poder pode e deve ser analisado, mesmo que isto não agrade, como uma das autoridades deste mundo” (2).

“Quer isto lhes agrade ou não, os bispos fazem parte das classes dominantes do

país, em virtude do seu status social, econômico, jurídico, cultural e político. Por não ter renunciado a este status no plano material — e para isto só existe uma solução: acabar com a situação atual, trabalhar e tornar-se livre para as comunidades existentes, viver com e como os pobres do país, não possuir riquezas nem a título pessoal nem como autoridade eclesiástica — eles participam de todas as articulações que visam à redefinição dos pactos entre aqueles que compõem os diferentes estratos do poder” (3).

Por que esta dificuldade dos bispos para mudar?

Há primeiramente a idade dos bispos. “A imensa maioria daqueles que constituem hoje nosso episcopado tem uma idade que permite afirmar que sua formação se fez em seminários “tridentinos”. . . Entre eles, a autoridade — inclusive o toque para levantar de manhã — vinha de Deus, quase sem necessidade de apelar para outras mediações.

Vinham de Deus também a autoridade política, o poder civil. Isto permite explicar, sem sombra de dúvida, o respeito reverente para com o poder, de um modo as vezes tão obsequioso que chega às raias do servilismo. . . seja quem for o detentor do poder. Pode-se dizer sem medo de errar que qualquer autoridade política, atual ou futura pode contar com este clima” (4).

E mais, os bispos residenciais foram nomeados pelo governo e juraram fidelidade ao Chefe de Estado espanhol, num ato, solene, tornado público pelos meios de comunicação social.

“Considerando que o poder atual é o fruto de um equilíbrio de forças entre os grupos sociais da classe dominante que foram vencedores na guerra civil, isto quer dizer, que em última análise os

---

(1) Testemunho de um operário nas conversações da *Pastoral Missionária* (Avila)

(2) Testemunho de um engenheiro, *ibid*

(3) Alberto G. Revuelta Lucerga “La ubicación política del episcopado” em *Pastoral Missionária*, nov. dez. p. 77

(4) *id. ibid* p. 746

atuais bispos por seu juramento devem fidelidade a esses grupos, graças ao juramento público, livremente aceito e feito com a consciência do que é dito e daquilo a que cada um se obriga. Isto pode parecer irritante, mas é a própria evidência" (5).

Em 15 de dezembro de 1975, o cardeal Tarancón pronunciava diante da assembléia do episcopado espanhol um discurso que produziu certa inquietação e levou alguns cristãos a se perguntarem se estavam em 1939 ou em 1976, e se alguma coisa havia mudado realmente dentro da Igreja espanhola. De fato, o arcebispo de Madri declarava:

"Não foi por acaso que a hierarquia espanhola deu o nome de cruzada ao que se chama guerra de libertação. Foi o povo católico de então, que desde os primeiros dias da República se opunha ao governo, que exatamente por razões religiosas, tinha unido Fé e Pátria nesses momentos decisivos. "A Espanha não podia deixar de ser católica sem deixar de ser Espanha". Mas este slogan que teve ares de grito de guerra e serviu indubitavelmente para defender valores substanciais e permanentes da Espanha e do povo católico já não serve hoje para exprimir as novas relações entre a Igreja e o Mundo, entre a religião e a pátria, entre a fé e a política (...). Enganam-se aqueles que julgam duramente a hierarquia e chegam a acusá-la de oportunismo, considerando que ela não mantém mais sua atitude de engajamento num sistema político determinado. Erram igualmente aqueles que, por causa de reações opostas e de opções políticas apresentadas como as únicas evangélicas, pretendem conduzir-nos a engajamentos políticos de tipo oposto. Que nin-

guém nos acuse a nós bispos de querer romper com nossos predecessores de 1973. Somos herdeiros escolhidos pelo Espírito Santo, para guiar o povo de Deus, e nossa fidelidade ao Evangelho e ao nosso povo nos leva, hoje como ontem, a assumir os engajamentos que, queiramos ou não, têm uma repercussão profunda na consciência dos nossos fiéis" (6).

Tal declaração provocou "reações diversas". Falou-se da "frivolidade" do cardeal Tarancón da atitude tática (esta declaração seriam agrados — unos caramelitos — dados à extrema direita do episcopado para lisonjeá-lo e fazer passar o resto). Outros se indignaram francamente: "Basta de cruzada!" e gostariam que os bispos tivessem um pouco mais de pudor:

"Deste modo, os bispos têm sempre razão. É claro que eles não podem se enganar; o que disseram e o que fizeram era preciso dizer e fazer... O que disseram e fizeram foi aprovar a guerra civil, santificar com suas palavras a matança e o ódio entre cidadãos de um mesmo país" (7).

Ao invés de se justificar desejava-se que o episcopado reconhecesse sinceramente seus erros: "A Igreja, que existe por vontade de Deus e para os homens, deveria antes de tudo não ter medo de reconhecer seus erros e pedir perdão sempre que necessário; com efeito, ela é encarregada de testemunhar que o homem é um ser que precisa de perdão, ainda que os erros possam ser explicados em função de um certo contexto e que a falta não tenha sido intencional" (8).

Na prática os bispos hoje se comportam um pouco como o governo: também na

---

(5) Alberto J. Revuelta, art. cit. p. 751

(6) Texto citado (em espanhol) na revista catalã *Quaderns de Pastoral* 40 (fev. 1976) Barcelona, por Casimir Martí em *L'Esglesia de Catalunya en el Canvi de Societat* (A Igreja da Catalunha na Mudança da Sociedade) p. 33

(7) José M. Castilho "Basta de Cruzada" em *Pastoral Missionária*, jan., fev. 1976 pp. 91-92

(8) Declaração Teológica sobre o momento histórico espanhol, elaborada pelo Conselho Plenário da Seção da Faculdade de Teologia de Barcelona: São Francisco de Borja (San Cugat del Vallès) out. dez. 1975 — Documento de 53 pp.

Igreja a permissividade está na ordem do dia. Há, por vezes, desconfianças, mas muito menos condenações. Esta permissividade é diversamente interpretada: conversão do episcopado ao pluralismo, dizem alguns; outros, pensam que ela é o resultado da desordem e da falta de criatividade da hierarquia, que deixa as coisas acontecerem; por fim, outros pensam que as condenações, hoje, não passam de um “tigre de papel”: melhor não as fazer porque não seriam aceitas.

“Basta de cruzada” dizia José Maria Castilho, teólogo de Granada, após a declaração do cardeal Tarancón feita em dezembro de 1975. Diz-se também cada vez mais: “Basta de Concordata”. O problema da concordata está posto. Ningué, a não ser talvez, o poder político, deseja o *statu quo*. Mas a Igreja — Instituição tem certamente medo de romper todas as amarras com o Estado e tornar-se “uma Igreja livre dentro de um Estado livre”. Que pensam exatamente os bispos? Parece que eles abandonariam de bom grado a concordata com a condição de que fossem assinados “acordos parciais” com o Estado Espanhol. Se se acredita no que é dito e escrito nas revistas haveria dois pontos que os bispos considerariam particularmente importantes: o da remuneração do clero e o do ensino religioso nas escolas do Estado. Sobre estes dois aspectos os bispos questionariam o *statu quo*.

A Igreja da Espanha não tem possibilidade de manter um clero ainda mais numeroso. Como ressalta o teólogo catalão C. Marti, além desse problema, coloca-se todo o problema dos ministérios e a Igreja não parece em condições de colocá-lo neste momento. Ademais, se ela deseja poder continuar a ensinar religião nas escolas e universidades, é por falta de imaginação e criatividade pastoral e por falta de prospectiva sobre a significação civil e religiosa dos estabelecimentos de ensino religioso.” Ambos os problemas colocam os mais altos res-

ponsáveis da Igreja numa situação de dependência em relação ao Estado e isto os leva a tratar com as autoridades civis de poder a porder, o que só pode produzir consequências lamentáveis: a hierarquia é inevitavelmente suspeita de conivência com o poder e de parcialidade política” (9).

Por outro lado, esta posição está em contradição com as convicções de muitos cidadãos partidários da laicização do Estado.

No fundo, poderíamos afirmar sem grandes riscos de errar, que a hierarquia espanhola aceitaria hoje a “imagem de uma Igreja leonina”. Com esta expressão que faz alusão à famosa distinção entre tese e hipótese, se quer dizer que, sem negar o ideal do Estado Católico (tese), consideradas as mudanças na sociedade e as idéias modernas, admite-se um estado não confessional (hipótese) com o qual se poderia discutir e eventualmente fazer acordos. No fundo, uma situação bastante semelhante à dos países ocidentais.

De qualquer maneira, o “protagonismo político” da Igreja parece cada vez menos admitido, assim como sua pretensão de querer que a sociedade inteira seja regida por seus princípios. considerando que “ela é portadora de toda a verdade sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo”.

É significativo que as conclusões das X Conversaciones de Pastoral Misionera(10) citam entre as tomadas de posição e as atitudes que devem ser abandonadas pela hierarquia: “sua participação nos organismos de Estado; sua presença às cerimônias políticas; suas relações de igual para igual com os poderosos deste mundo; o tom moralizante, paternalista, professoral dos documentos pontifícios, que por outro lado pecam pela falta de uma análise científica da realidade; sua linguagem esotérica; sua legitimação do poder instituído; a defesa do Estado confessional, etc”. (11).

(9) Casimir Marti, art. cit. de *Quaderns de Pastoral* — fev. 1976

(10) Estas “conversações” ocorreram em Avila em dez. de 1975

(11) Conclusões da X Conversação de *Pastoral Missionária*

## 2 — O povo cristão

Em carta que os arcebispos metropolitanos da Espanha escreveram à Pio XI em princípios de dezembro de 1931, podia-se ler:

“Nas grandes cidades o povo operário está filiado à organizações anti-cristãs ou se encontra sob sua influência. Na província de Sevilha, 27.000 operários pertencem à CNT, que tem atuação direta e aspira ao socialismo libertário e anarquista; 33.000 se juntaram às fileiras dos comunistas ou próximas deles. Este mesmo sindicalismo, com cerca de 400.000 adeptos, oprime a população operária da Catalunha, a região mais industrializada da Espanha. Em Madri, Bilbao, Granada e nas regiões mineiras, domina a UGT-União Geral dos Trabalhadores, que muito bem organizada e politicamente dirigida pelo partido socialista constitui a espinha dorsal do extremismo ativo do regime atual; somente na Diocese de Jaén, ela conta 175.000 membros. Em outros lugares até agora relativamente protegidos, Saragosa, por exemplo, sindicalistas e socialistas compartilham a direção do movimento operário. No que concerne à agricultura, os assalariados agrícolas caíram, em sua maioria, nas mãos do socialismo, que os estimula com projetos extremistas de reforma agrária. Mesmo nas províncias como Palência, Surgos, Segovia, Salamanca, situadas entre as províncias bascas e a Andaluzia — representando o melhor e o pior da situação social — o socialismo se infiltra entre os pequenos proprietários que estão fora da influência da igreja” (12).

A ser verdade, o que se chama de povo católico, não se encontrava já em 1931 entre a parcela da classe operária ou camponesa que tinha consciência de classe em grau elevado, mas estava pouco informado e pouco sensibilizado politicamente, inclinando-se ao conservadorismo.

Quem é este povo hoje? Não é fácil dizer onde se situa política e religiosamente o povo, visto que durante quarenta anos não houve eleições. Há alguns anos os

padres, ou pelo menos bom número deles, tentaram despertar os cristãos para os problemas econômicos e políticos do país. Alguns tomaram posição abertamente, com seus riscos e perigos, em favor de uma transformação da sociedade; eles se alinharam ao lado dos oprimidos e compartilharam sua vida de trabalho. As paróquias emprestaram frequentemente suas dependências para reuniões de movimentos populares proibidos pelo governo. As próprias conferências episcopais, ainda que de forma moderada, tomaram posição a favor da democracia. Mas qual o impacto desta mudança da Igreja, sobretudo em sua base, sobre a massa do povo espanhol? É certo que os católicos espanhóis se sentem mais livres politicamente, agora, que no tempo da República; as possibilidades de opções são muito menos monolíticas; não se confunde mais a direita com a “civilização cristã” nem a esquerda com o anti-cristianismo. Existem cristãos que militam em partidos de inspiração marxista. Eles sabem que são objeto de desconfiança por parte da hierarquia, que se por um lado continua a afirmar no plano da ideologia a incompatibilidade entre fé cristã e marxismo, por outro já não os condena.

Não parece, entretanto, que o comunismo ortodoxo exerça uma grande influência sobre os espanhóis. O partido comunista espanhol pode ser o mais organizado mas é certamente um dos menos numerosos. Pode-se até dizer que há no espanhol uma certa alergia ao comunismo burocrático onde tudo vem de cima, e uma tendência profunda e ancestral pelo socialismo libertário (anarquismo), em que todas as decisões a tomar são discutidas por todos. Por que o anarquismo supõe estas trocas incessantes, ele foi muito mais visado pelo franquismo que proibia toda reunião política. A proliferação das comunidades de base, das comunidades de vizinhança, se explica talvez por esta preferência por um socialismo libertário.

“Não temos entre nós tradição “democrática” de estilo parlamentar”, mas temos uma tradição democrática muito

(12) Citada por Casimir Marti em seu artigo de *Quaderns de Pastoral Missionária*, fev. de 1976

viva, com nossas assembléias comunais onde os problemas comuns são discutidos por todos" nos dizia um jovem basco. Atualmente, nos bairros populares de Madri, Barcelona e outras grandes cidades, encontram-se numerosas comunidades de vizinhos, muito ativas, nas quais se discute a maneira de melhorar a vida do bairro, de organizar as diversões, de cuidar dos serviços públicos comuns. Este espírito comunitário, podendo expressar-se, representa certamente uma esperança para a Igreja da Espanha.

Coloca-se também o problema do catolicismo popular. Esperança ou obstáculo? Parece que hoje ele tem sido mais considerado. Seus aspectos telúricos e devocionais são evidentes, mas "esta piedade popular não é feita somente de práticas exteriores, mas de valores que se situam na realidade da vida e que não são encontrados no mesmo nível, nos outros setores ou meios, desprovidos desta religiosidade. De fato, a abertura para o próximo que se traduz por atitudes de hospitalidade generosa, de participação nos infortúnios alheios... o sentido do despojamento, ... sua capacidade de sofrer e de se sacrificar, a serenidade diante do sofrimento e da morte, que se traduz por uma aceitação corajosa..., tudo isto constitui uma série de valores que, vistos com olhos puros, fazem descobrir o sopro de Deus que os inspira e os anima" (13).

## II. A busca teológica

Nos anos que seguiram a Segunda Guerra Mundial, especialmente a partir de 1950, a Igreja espanhola foi muito dependente, no plano teológico e pastoral, de outros países europeus: França, Bélgica, Alemanha. Nesta fase posterior à segunda guerra e anterior ao Concílio, surgiram inúmeras traduções inclusive de obras medíocres. Os espanhóis não renegam esta fase e acham que ela foi apenas uma fase de alienação, que os ajudou, porém, a descobrir seus próprios problemas e lhes trouxe luz num momento em que estavam muito isolados.

Hoje, entretanto, os tempos mudaram; os países que "fizeram o Concílio estão manifestamente esgotados e lhes falta criatividade: não parece que a Espanha espere hoje grandes coisas da Europa Ocidental no plano teológico. Primeiramente, ela é suficientemente capaz de pensar sozinha e por outro lado se sente muito mais ligada à América Latina do que à Europa em virtude dos numerosos padres ou leigos que lá trabalham em altos postos e também por razões históricas e afetivas.

A Espanha acompanhou de perto a elaboração da teologia da Libertação e editou um certo número de suas obras mais importantes. Se foi na Espanha que esta teologia teve mais ressonância isto não ocorreu somente por uma similitude das situações sócio-econômicas, mas porque os teólogos espanhóis se reconheceram no mesmo caminho dos teólogos da libertação, especialmente em dois pontos essenciais: o primeiro é que a teologia não é uma busca como as outras. Não se fez teologia como se faz a matemática, num meio bem isolado, "acéptico" onde os ruídos do mundo não chegam a se fazer ouvir. O teólogo não é um ser superior que pensa para um povo ao qual só resta permanecer passivo e receber o que foi elaborado sem ele. O segundo ponto é consequência do primeiro: o teólogo não pode cumprir sua função na Igreja, **sem estar ligado a uma comunidade cristã, sem participar de sua vida concreta e compartilhar de suas lutas e esperanças.** É este partilhar que, hoje em dia, alguns teólogos na Espanha tentam realizar. Para citar um só exemplo: são significativas as comunidades de padres, dentre os quais alguns professores universitários e as comunidades de religiosos como a de Vallecas nos arredores de Madri. Aí se encontram teólogos ligados a uma comunidade cristã e ao bispo que também vive no bairro e que é um irmão cristão entre outros. Tem-se pois uma teologia que parte da prática.

Mas — e talvez isto seja algo peculiar à Espanha — não parece que os teólogos estejam obscurecidos pelo instrumental

(13) D. Cardenal, bispo de Osma-Soria, citado por *Vida Nova* 27 de março de 1976 p. 13

e problemática marxistas. Tem-se ressaltado freqüentemente que o teólogo "clássico", que se queria neutro e "apolítico" estava, por seu próprio "apolitismo", a serviço da classe dominante. A opção por uma cultura revolucionária, mesmo opondo-se a cultura burguesa dominante, situa ainda, dialeticamente o teólogo, que a faz, no campo desta cultura. A vida em simbiose com uma comunidade cristã logo leva o teólogo a procurar uma nova maneira de compreender e de proclamar o Evangelho em ligação com uma experiência comunitária autêntica. O que impressiona nestas comunidades cristãs é o fervor religioso, a caridade fraternal, a criatividade na oração e na liturgia. Esta criatividade, alguns a explicam pelo fato de que o povo espanhol não é ainda um povo secularizado e des cristianizado e que o cristianismo popular é capaz de inventar, e possui recursos para fazer nascer novas maneiras de exprimir a relação com Deus e a relação com os homens. Um sentido muito grande da transcendência de Deus que lhe vem em parte da teologia muçulmana (que é facilmente encontrada em São João da Cruz), a impedirá de cair num horizontalismo vazio de toda transcendência.

No decorrer das conversações de Pastoral Missionera destacou-se que a fé não é um "trampolim" para se lançar na luta política. Não se deve confundir

os planos da fé e da política e é preciso denunciar a transferência do caráter "absoluto" da fé para a luta política. Visto que na análise marxista a Igreja aparece como fator sociológico de conservadorismo, aquele que toma uma posição política a partir da análise marxista, se vê forçado a reconhecer a contradição em que se encontra e abandonar a Igreja. A acentuação do caráter ético do Evangelho se faz em prejuízo do seu aspecto transcendente (14).

"Estamos numa situação um tanto comparável àquela da França no pós Guerra, depois da publicação de "França país de missão"? E a fundação da Missão da França e dos primeiros padres operários. É um tempo de grande efervescência e de grande esperança, uma espécie de Pentecostes", nos dizia um professor de Teologia de Madri.

O que se passa na Espanha merece ser acompanhado com atenção.

\* Este artigo foi escrito depois de uma visita à Espanha no mês de abril e conversas com os cristãos espanhóis (padres, religiosas e leigos) na Catalunha, Andaluzia e em Madri. A expressão "mudança da sociedade", colocada como título é correntemente utilizada na Espanha hoje. A revista Pastoral Missionera consagrou três números a este tema.